



**Segregação e invenção na cidade: uma entrevista com Barba nos jardins do Museu de Arte Moderna - MAM/ RJ**

*(Segregation and inventiveness in the the city: an interview with Barba at the gardens of The Museum of Modern Art – MAM/ Rio de Janeiro)*

Adriana Fernandes\*

**Resumo**

Uma entrevista com Barba, que vive há vinte anos nos jardins do MAM, Aterro do Flamengo. Trajetória, deslocamentos, encontros e temores. Uma história política da cidade e formas de resistir à *vida nua*.

**Palavras-chave:** Segregação; resistência; Rio de Janeiro; população de rua.

**Abstract**

An interview with Barba, who has been living for twenty years at the gardens of MAM, in Aterro do Flamengo - Rio de Janeiro. Wanderings, encounters and fears. A political history of the city and ways of resistance to the *bare life*.

**Keywords:** Segregation; resistance; Rio de Janeiro; homeless.

---

\* Todas as fotos foram feitas pela autora, nos jardins do MAM, em uma máquina digital semi-profissional Canon G-11, em dezembro de 2010.

\* Doutoranda do PPCIS/ UERJ (Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), desde 2008, com a pesquisa “Ocupar a cidade: segregação e resistência no Rio de Janeiro”, orientadora Patricia Birman. Endereço postal: Ladeira de Santa Teresa 136/ 101, Santa Teresa, Rio de Janeiro, RJ, CEP. 20241-140. E-mail: [dricaf@riseup.net](mailto:dricaf@riseup.net).

Numa quarta-feira, fim de tarde, de um dia cabalístico – 09/09/2009, procurava interlocutores para o trabalho de campo sobre andarilhos nos arredores do centro da cidade do Rio de Janeiro. A idéia da pesquisa era interpelar formas de habitar e ocupar a cidade que resistem ao *estado de exceção* (AGAMBEN, 2004, p.63) praticado exemplarmente pelos governos municipal e estadual atuais<sup>1</sup>, em enunciados de políticas e projetos que dão o que pensar: “Choque de Ordem”, “Unidades de Polícia Pacificadora (UPPS)”, “Porto Maravilha”, “Operação Bacana”, entre as mais propagadas<sup>2</sup>.

Encontrei Barba num banco em frente ao prédio do Museu de Arte Moderna, o MAM<sup>3</sup>. Tinha um grande saco preto cheio de coisas que me fez lembrar a seguinte estória contada por uma colega, pesquisadora de pentecostalismo: os adeptos de uma igreja (da Universal), na Baixada Fluminense, não tinham gostado da atitude de um pastor que fez com que eles levassem no ônibus, na volta do culto, sacos plásticos pretos cheios de ar, que deveriam servir a limpeza espiritual de suas casas (TARGINO, 2009).

Barba tinha um saco também preto, cheio de coisas que pareciam latas e garrafas e outro, também grande, mas branco, de nylon, com roupas: “são pra lavar”<sup>4</sup>. Chamou a atenção o fato de ele estar sentado em um papelão amplo, embora o banco não estivesse sujo (o que se repetiu quando o encontrei num café da manhã, em uma praça no bairro da Glória, na semana seguinte). Depois de me aproximar, expliquei sobre a pesquisa, deu pouca confiança, comentando que estava sempre por ali no final da tarde, bastava procurá-lo, dormia no entorno há mais de vinte anos. Propus a entrevista no momento presente, o que lhe causou surpresa e inesperada receptividade, assim, começamos.

---

1 No governo do Estado: Sérgio Cabral, mandato 2006-2010 (inclusive reeleito para o mandato 2010-2014); na prefeitura: Eduardo Paes, mandato 2009-2013.

2 “Uma espécie de 'exceção permanente' schmittiana que anula as possibilidades de *virtú* da sociedade civil, entendida esta no sentido de blocos de interesses organizados que se demarcam entre si e com relação ao Estado. (...). Em seu lugar, a autonomização do mercado, que não deve ser pensada como o lugar da autonomia cidadã da tradição liberal clássica, mas o seu contrário. A 'automização' quer dizer que *não há regras mercantis, é o mercado para além de si*, um permanente *ad hoc*, em que não se fixam contratos. (...). Em termos macroeconômicos, o permanente *ad hoc* requer a violência estatal permanentemente, a 'exceção permanente', que poderia sugerir que o monopólio legal da violência foi reconquistado para o Estado. Longe disso, a violência permanente significa dizer que o Estado também é *ad hoc*.” (OLIVEIRA, 2007, p.36-37). Sobre o Rio de Janeiro, mais especificamente, ver o trabalho de FARIAS, 2008.

3 Inaugurado em 1958, projeto do arquiteto Affonso Reidy.

4 Sobre moradores e andarilhos de rua, na cidade de São Paulo, ver a pesquisa muito inspiradora de KASPER, 2006.

“Nato de Santos”, veio para o Rio de Janeiro trabalhar na construção do hospital do Fundão<sup>5</sup>, “pegou obra boa”, “preso no Fundão”, serviu no Exército, morador do Vidigal, na década de noventa, chega ao Museu de Arte Moderna/ MAM e ao Aterro do Flamengo. Há alguns anos não bebe mais, pontuando, no entanto, que “ninguém é perfeito também”. Ao final da entrevista, me pergunta se eu sou socióloga, conta ter conhecido Florestan Fernandes: “homem muito inteligente, conheci quando eu era criança, no quintal da casa dele, em Santos, dava aulas pra moçada, a mulher fazia um lanche pra gente, aprendi muito coisa com ele”.



Durante aproximadamente duas horas aconteceu o encontro, gravei boa parte da conversa e, outra parte, sem o aparelho. Escurecia nos jardins do MAM e nos despedimos. Barba recomendava que, para encontrá-lo, bastava ir em direção ao “Spirit”. “Como assim?”. “Ah, é o iate do Eike [Batista], é só me procurar por ali”.

Na entrevista, aqui editada, vale destacar os deslocamentos realizados por Barba conforme as políticas em funcionamento na cidade, modos de coerção atualizados em sua trajetória e na trajetória dos parceiros das ruas, modos de operar a contrapelo<sup>6</sup>,

---

5 Hospital (Universitário) Clementino Fraga, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), começou a ser construído nos anos 50 e inaugurado somente em 1978.

6 “A pergunta que esses personagens estão nos sugerindo é: como escapar da morte matada ou da infelicidade do pobre coitado? É esse o deslocamento que o primado da 'vida nua' parece operar. Mas a vida nua não é o vazio, pois é justamente aí que o jogo da vida está sendo jogado e as tramas do mundo estão sendo tecidas” (TELLES, 2007, p.217). E ainda, na definição de Michel Foucault de *resistência*, associando a trajetória de Barba: “(...) onde há poder, há resistência (...), esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. (...). (...) não existe, com respeito ao poder, um lugar de grande Recusa (...). Mas sim, resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens (...). (...) os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento” (FOUCAULT, 1985, p.91-92).

linhas de fuga em relação ao neoliberalismo intensivo (desmonte do trabalho, filantropização da pobreza, *vida matável/ vida nua*<sup>7</sup> e privatização da cidade)<sup>8</sup>.



\*

## PRIMEIRO TRABALHO

B<sup>9</sup>: Mas foi assim, eu peguei, Deus me iluminou nessa vida. Peguei aqui a ilha do Fundão, da ilha do Fundão fui para a *Clonap* lá no Caju.

A: *Que que é a Clonap?*

B: (...). Ali é um centro de operações da Petrobrás, já deve sair em outro lugar porque a Petrobrás cresceu muito de lá pra cá. Mas todas as lanchas pra manutenção, tudo saía de lá. De lá eu fiz o Copacabana Palace também, tudo *Miraflon*, tudo *Miraflon*. Eu estudei em São Paulo, fiz um curso de *Miraflon*, fiz o *Vulcapiso*, fiz o *Miraflon*. No colégio né, ele disse, 'Quem quer fazer o curso?' Eu me interessei e dei sorte, peguei obra boa aqui, caramba! Trabalhei dois anos aqui, direto praticamente.

A: *Quando você chegou no Rio, você gostou, como foi?*

B: Eu não tive tempo de conhecer o Rio não, não tive não. É porque na ilha do Fundão fiquei noventa dias preso lá, preso, quer dizer, o cara chegava em mim, eu confio em você, eu quero essa [inaudível] para amanhã. Foi a época que começou a chegar a computação, sabe? O computador era um monstro, tinha que botar rodapé de alumínio, que eu acabei aprendendo lá e não sabia. É o rodapé elétrico, tipo esse de imprensa, pra não botar o fio no chão e lambris também que eu não sabia. Ali foi muito bom, ganhei um dinheirinho ali.

<sup>7</sup>*Homo sacer* ou homem sacro é “portanto, aquele que o povo julgou por um delito; e não é lícito sacrificá-lo, mas quem o mata não será condenado por homicídio; na verdade, na primeira lei tribunicia se adverte que 'se alguém matar aquele que por plebiscito é sacro, não será considerado homicida'. Disso advém que um homem malvado ou impuro costuma ser chamado sacro” (AGAMBEN, 2002, p.196). E pergunta: “O que é, então, a vida do *homo sacer*, se ela se situa no cruzamento entre uma matabilidade e uma insacriticabilidade, fora tanto do direito humano quanto daquele divino?” (AGAMBEN, 2002, p.81).

<sup>8</sup> Ver, em especial, os artigos de OLIVEIRA (2007), SANTOS (2007) e TELLES (2007) para a caracterização de “neoliberalismo intensivo”.

<sup>9</sup> “B” e “A” são, respectivamente, Barba e Adriana.

A: *E você tinha quantos anos?*

B: Eu tava com dezessete para dezoito. Eu só fui em São Paulo me alistar para P.E [pelotão do exército], dei a felicidade de participar da P.E. Passei o fim de ano com minha mãe e vim embora. Porque tinha o Copacabana Palace: Festival brasileiro da canção! Ah, quatro mil e duzentos metros quadrados só pra mim, eu nem dormia lá em São Paulo, minha mãe dizia 'Você não dorme?!' - 'Não!'. O dinheiro era assim, eu tirava um daqui, eu tirava, até que eu peguei um ajudante na fábrica ali, um rapazinho caidinho também, ex-presidiário. Ninguém dava chance ao cara, até que ele trabalhava na fábrica 'olha, eu quero o Francisquinho pra trabalhar comigo'. 'Ah, mas por que?'. 'Deixa eu pegar ele aqui'. 'Olha, ele tem o costume de roubar'. 'Não, ué, se acontecer eu boto ele pra fora'.

A: *Cê ia ficar de olho nele...*

B: Ficar de olho nele. Pagava o salário dele, um salário mínimo e pagava uma comissão pra ele, um real por metro, mas cê tem que trabalhar direito comigo, pra não ter problema. Não é que o cara aprendeu, e se regenerou, e tudo? Graças a Deus.

A: *Você gostava dele...*

B: Eu gostava dele. Eu tinha um tio que era negócio de presídio lá em São Paulo, ele sempre falava pra mim: 'Sabe o que falta pro presidiário? É chance. Eles não dão.' Chegou mostrando aquela carteirinha, ih.

A: *É brabeira.*

B: É brabeira. Agora presta atenção, eu dei sorte, tem gente que não dá. Tem que ter uma chance, porque pô, até pro cara ser artista tem que ter uma chance. Não vê o Zeca aí<sup>10</sup>, cantou tanto tempo coitado, ralou tanto, agora abriram a porta pra ele. Eu sei que a vida é isso aí. E na pista também. O problema da pista é esse.



10 “Zeca” é Zeca Pagodinho, compositor e cantor muito conhecido no Rio de Janeiro.

## ESTRATÉGIAS DE VIRACÃO 1

A: *Cê ta há muito tempo na pista?*

B: Ida e volta tô com uns vinte anos já. Eu já saí.

A: *O que você gosta Sérgio, na pista?*

B: Ah, eu gosto das minhas amizades, eu tenho umas amizades boas aí. Tem uns caras aí que não valem o que comem. Mas tem pessoas muito boas. Tem... A gente não tem um sabão, empresta ao amigo, a gente vai lá fora, que nem eu fui de manhã, tira um lixo, ali na Pedro Américo. Tudo que sobrar de bom, tudo que sobrar de bom eu te dou. Não tem aquela [inaudível] de queijo, coca-cola... 'Ó, tá tudo limpinho, são quatro sacos de lixo'. Ainda tomei café lá com ele hoje. Eu trouxe pra cá e dividi pro pessoal aí.

A: *É o que, uma padaria?*

B: É o Rei do Mate. Sabe onde é que é? Não tem a Pedro Américo? Passou um pouquinho é o Rei do Mate, do lado direito, é novo até.

A: *Acho que eu sei sim.*

B: Eu fiz amizade com o cara, porque um dia eu passei lá, não tava nem interessado nele. Aí ele olhou pra minha cara assim, olhou, olhou, olhou. Eu tava com um agasalho que tá aqui dentro, agora meio sujo ainda. Ele olhou pra minha cara, olhou. 'Escuta aqui, cê gosta de trabalho?' Eu falei pra ele: 'Ó, trabalho eu gosto, por que?'. 'E se eu pedir pra você tirar um lixo aqui, cê tira pra mim?'. 'É agora senhor'. 'Já tomou café?'. 'Não'. 'Sabe o que eu queria falar com você, é que sobra muita coisa, te interessa? Pão de queijo...'. 'Me interessa'. Me deu duas sacolas: 'Toma cinco real pra você ir almoçar no Garotinho'<sup>11</sup>. Mas quem é que vai almoçar no Garotinho?!

[Risos]

B: Eu não sou orgulhoso, sabe como é que é, o Garotinho pra mim...

A: *Dizem que a comida não é muito boa.*

B: O problema não se resume na comida, o problema não é a comida, são as pessoas que frequentam.

A: *Você acha que as pessoas é que não são legais?*

B: Aí chega um cara sem educação, acaba a fome da senhora ali. A pessoa tá comendo e olhando para a comida da senhora, que isso? 'Me dá um tira gosto aí', têm pessoas que fazem isso.

A: *Tem uma galera que eu conheço que reclama da comida. Que a comida...*

B: Posso falar um negócio para a senhora? Por um real, tá bom demais! Vai comer um salgado por um real aí meu Deus. Ah, dá licença. Muito bem pago, muito bem.

A: *Mas tinha que ser uma comida melhor, se é do governo, paga por nós, tinha que ser melhor.*

B: Mas o que é um real, meu Deus do céu. A senhora não compra nem

<sup>11</sup> Restaurante popular, cuja refeição custa R\$ 1,00, foi inaugurado por Anthony Garotinho, então governador do Estado (1999-2002).

um biscoito. Dois reais aí, se for na casa do biscoito ali, é um e vinte, que é o mais barato.

A: *Barba, eu tenho visto na rua as pessoas estão dando muita comida, tem o centro espírita.*

## FILANTROPIZAÇÃO DA POBREZA 1



B: Tem a Mapi, em os evangélicos, tem a Catedral, tem esse grupo maravilhoso, que amanhã vai dar ali, na quinta-feira ali.

A: *Na Lapa?*

B: Na Lapa não, ali na... Não tem aquela subidinha da igreja da Glória ali? Não tem o complexo do metrô?

A: *Dá comida ali?*

B: Dois pão com manteiga, café com leite. Ó, ô luxo, café puro, ou, tem pessoas que têm gastrite e toma leite. Ó, ó, e tem pessoas que reclamam, cê tá entendendo a parada como que é.

A: *É de noite ou de dia?*

B: É de dia, oito horas da manhã. Se a senhora quiser lá observar, pode ir lá observar. O pessoal é maneiro e tudo, eu apresento a senhora pro André. [Interrompe para falar com um rapaz que está indo em direção a passarela e o cumprimenta] 'Ô Vascão, vamos subir ou não?' Caramba! Esse aí um tempão que trabalha aí, conheço desde garoto, não tem aquele posto de gasolina ali dentro?

A: *Sei.*

## ESTRATÉGIAS DA VIRAÇÃO 2

B: Eu fiz toda aquela terragem. Pois é, a rua é isso aí, o comportamento do elemento é que atrapalha muito. Tem pessoas que não têm, também coitado, a gente não pode cobrar nada deles, porque, por exemplo, por que eu tenho uma educação assim? Porque meu pai sempre em cima, minha mãe sempre em cima, eu fui criado num meio

também, de pessoas assim, cultas também, inteligente eu não digo, educadas, pessoas que tudo que se fizesse tinha que dizer: 'Dá licença', 'por favor', 'por gentileza', 'pô dá para você fazer isso pra mim', e pessoas que não aprenderam isso, como é que vai dar?

A: *Cê acha que ajudou você?*

B: Ajudou pra caramba!

A: *Na rua também?*

B: Na rua você aprende a maldade, a rua deixa a gente, a rua deixa a gente assim, uma pessoa, o que a gente não enxerga na sociedade, a gente enxerga aqui embaixo. Que a rua é triste, às vezes a pessoa vem com aquela cara cínica pra senhora, conta uma estória.

A: *Fala muito.*

B: Toma cuidado, quando vem com aquele papo de 'todo o respeito'. Ah, a senhora logo liga o pisca alerta que é brabo. É sete um para não dizer sete dois.

A: *'Todo o respeito'?*

B: É, 'todo o respeito', 'pra cá meu senhor', 'meu amigo', quando vem assim, se liga logo que o bagulho é sério.

A: *Cê acha que a maldade é o grande problema?*

B: A maldade mora ali, porque a educação serve pra maldade também. A educação serve pra gente viver socialmente e serve pra trair os outros também. Às vezes a pessoa dá a mão de amigo pra senhora e mete pau pelas costas. Sabe como é que é.

A: *Sei como é.*

B: Sabe como é que é. A senhora não é boba. A vida na rua, o problema da rua é esse. Mas fora disso é bom. Por exemplo, antigamente dava pra cozinhar na rua, hoje já não dá mais.

A: *Não, por que?*

B: Não dá porque é o seguinte. Antigamente a gente não tinha esse tipo de apoio que tá tendo agora. A sociedade abriu uma janela. E tem pessoas que reclamam.





A: *Cê acha que tem mais ajuda?*

B: Mais ajuda. Com certeza. Pra você ter uma idéia. Como não quer nada passa na Presidente Vargas de manhã pra você ver o tanto de quentinha que se joga fora. Passa como não quer nada, como se a senhora fosse pagar um negócio ali. Mas tem que ser cedo. Tipo cinco e meia, seis horas, a senhora vai ver lá.

A: *Antes da hora do trabalho.*

B: Quentinha, a pessoa come só a mistura e joga fora, e picha ainda. Aí eu falo pros caras, 'pô cara, eu não sou muito dessa quentinha porque eu tenho uma canja no Amarelinho', e eu conheço o falecido. E o filho dele gosta muito de mim, eu sempre dou uma força, não deixo bagunçar, eu pego minha quentinha ali. É difícil eu pegar, mas quando o negócio tá feio a gente tem que pegar qualquer coisa. E como é que meu coração vai pichar alguém que tá fazendo bem para mim? Não é? Não tem como! A pessoa faz o bem e você vai pichar a pessoa! 'É que tá sem sal'. 'Ô, cria vergonha na cara, chega ali no Amarelinho pede o sal que ela não vai negar'. Os caras são tão bons que dão comida pro pessoal de rua.

B: O problema deles é o psicológico. Diz o psiquiatra, quando a pessoa tem problema que não pode resolver, esses problemas caem em cima de outras pessoas. É isso aí o que acontece. Ele não tem com quem desabafar, aí qualquer probleminha que ele vê pronto, é a vítima. Então não pode ser assim. Se a gente sai atirando em todo mundo aí, não vive com ninguém.

A: *Mas antigamente você cozinhava na rua?*

B: Cozinhava. Aquelas ali [aponta as pilastras do MAM] têm história pra contar. Quando aquele garoto chegou novinho [o garoto vascaíno que um pouco antes cumprimentou Barba].

A: *Cês juntavam e cozinhavam.*

B: Ia lá fora, eu tirava o lixo todinho, ele me dava tipo dez reais hoje, eu esperava o lixeiro, mas tinha uma coisa combinado, não tem aquela maminha, que o bacana não come a gordura, nem todos. Se fosse o colesterol eu acho que eu já tava morto [risos]. Maminha, alcatra, esses negócio. Eles pegam tá, e ainda botava numa lata de vinte e dava dois quilos de sal grosso. Eu botava em cima, ia com aquela pedra, porque antigamente não tinha essa pedra, a pedra era até aqui só, agora que ele já fez a Marina mais pra cá. A gente ia lá na pedra, dois sacos de gelo, lacrava a boca, botava no sol, virava carne-de-sol, no sábado era feijoada com cerveja. E se chegasse alguém de fora com fome, 'ó meu amigo, a lata de vinte tá ali, a água é lá'. Era aquela bica ali, 'você dá teu jeito, vê se tem ovo, se tem pão, porque aqui não é Shereton Hotel, nem Copacabana Palace, aqui'. 'Chegou, tem que se virar'. 'E se for na água e trazer um galãozinho de água a gente agradece'.

A: *Ah, você pedia também.*

B: O cara não vai chegar só comendo, que é isso?

A: *Ficar na folga.*

B: No outro dia eu mandava o negócio: 'Quando vir lá de fora trás um quatro caixotinho que ajuda também', 'mas eu não sei', 'pode ir lá fora fazer tua batalha, quando vir de lá, vem com dois galões novo, de preferência com água, se você ganha pão velho traz também. Tudo o que der pra poder fortalecer senão'.

A: *Dava uma organização.*

B: Organização. Eu pegava o negozinho, que mora agora aqui atrás, na bolsa, a droga levou, jogou tudo fora, ganhou casa.

A: *Brabeira.*

B: Bobeira<sup>12</sup>, essa droga entrou aí, ele fumava maconha depois passou para cocaína, numa época, na época do Brizola, ela veio. Ela veio mesmo mandada, e era pesado, aí tinha o *McDonald's*, na Álvaro Alvim<sup>13</sup>, que tá fechado agora, e o *Bob's*. Pegava o papelão. Sabe essas caixas de ovo? Vinha só "Big bob's" [tipo de sanduíche]. Muita coisa mesmo. Mandava o falecido Dom Caveiro vir de lá, que ele tinha um carrinho, de supermercado, já comprava um quilo de açúcar, um quilo de café, deixava na maloca lá, se faltasse açúcar a gente pegava emprestado da tia que cozinhava no quiosque, fazia o café, todo mundo comia. Toma conta de carro aqui, lavava carro aí. Tinham várias viração, agora que... É que as pessoas agora... O problema é o seguinte, o cara mora na favela, acostumado com aquela bagunça, chega na rua eles não... Eles pensam que são mais que a gente. E chega aqui eles vêm que não é nada disso. Eles chegam meio assim, a gente já conhece quem é quem. Aí chama o cara num canto, se você quiser ficar perto da gente tem de ser assim, assim, assado, não aprontar municipal [guarda municipal], não discutir com PM [falando com voz baixa essa parte]. Cê gosta de cheirar? Cê gosta de fumar? Gosta da sua pedrinha? Tu vai lá pro fundo, fica lá e pronto, hora que cê vem, vem de cabeça feita.

A: *Cê dá umas dicas.*

B: Agora se o cara quer... Eu não vou ficar ensinando ninguém a viver. Não é não senhora, eu vou ficar ensinando, e assim é a vida. A vida é isso aí, a rua é muito boa nossa senhora, tem gente que se arruma, tem gente que fica na rua porque gosta também, tem gente que fica na rua pra arrumar um dinheiro, vê ali na Cinelândia, tenta arrumar um dinheiro e vai embora pra casa. Questão do cara saber se virar.

A: *Aqui no Rio, que eu estou estudando, tem muita tradição das pessoas gostarem da rua.*

B: Vou falar pra senhora, com a experiência que eu tenho, não é brincadeira não. Se eu chegar numa feira dessa eu não passo apertado. Se eu chegar agora agora, e tiver afim de comer uma mortadela, eu

12 Muito interessantes algumas falas entre Barba e eu, que mostram um desencontro barulhento: no caso, meu comentário moralizador sobre as drogas ("*Brabeira*"), colocando a utilização das mesmas como algo extraordinário e terrível, que Barba desconstruiu lucidamente ("*Bobeira*"), destacando que, se as pessoas da rua por um lado fazem uso de drogas, existe um espaço de negociação com as mesmas, onde a idéia de um cuidar a respeito parece despontar.

13 Rua Álvaro Alvim, no centro da cidade, atrás da Praça da Cinelândia, região de aglomerações políticas e culturais mais diversas, como: o bar Amarelinho, reduto de militantes de esquerda; o Verdinho, bar de encontro e paquera gay; Teatro Rival (casa de shows de MPB); nos arredores, o Cine Orly (cinema de pegação [ver CAPUCHO, 1999]); na praça, o Cine Odeon (com lançamentos de filmes nacionais); entre outros. Na Álvaro Alvim, fim da década de 80, nas calçadas das lanchonetes *Bob's* e *McDonald's*, punks de diferentes regiões da cidade se encontravam (ver CAIAFA, 1989).

vou ali na rua da Carioca, planto na porta, ‘aí Barba, cumpade, tá na hora, demorou!’. ‘Vai querer as pontas?’, ‘Separa as pontas pra me dar’. Por que? Eu ajudo, eu boto o lixo arrumadinho: ‘ó, ali, moçada, não faz bagunça.’

A: *Tu conhece todo mundo.*

B: É aquele negócio né... Às vezes eu faço um sono aqui, tô duro, não dá pra tomar café, chego ali no Amarelinho, ‘aí moçada, já tomou café?’, ‘não’, ‘guenta aí que a gente vai arrumar um café pra você, um pão com manteiga, vai lá pra trás que os home tão aí na frente’. É assim, eles ajudam a gente. Porque só sabe que eu tenho pra mim, tudo é o comportamento. Não importa que o cara viva na favela, que ele viva na alta sociedade, que ele na alta sociedade, se ele não tiver uma direcional, não é não, não chega a lugar nenhum.



A: *Que que é uma direcional?*

B: Tem que ter uma direcional. Pô, eu vou chegar... Já gosto de falar palavrão, como se palavrão fosse uma coisa... Muitos têm essa mania de palavrão, mas aí escapa uma besteirinha aqui, uma besteirinha ali. Isso é normal, agora, toda hora, toda hora. Mas a rua não é ruim não como a pessoa pinta não.

A: *Barba você acha que a guarda municipal, tirando muita gente da rua, que sai no jornal, o que você acha?*

B: Eles não tão tirando, eles tão esculachando os caras. Eles pegam, porque noutro dia eu tô ali, esperando a minha dentista, que eu tenho lá em Madureira, de uma deputada estadual.

## FILANTROPIZAÇÃO DA POBREZA 2

A: *Qual o nome?*

B: Meridia Cabral. Em Oswaldo Cruz<sup>14</sup>, todo mundo conhece ela, tem médico, ginecologista, ortopedia, ela toma uns negócio espírita, como é, os médicos se dispõem a fazer as coisas de graça pros outros. E

<sup>14</sup> Bairro da zona norte da cidade, importante pólo comercial e varejista.

quando precisa da gente, vai lá, pinta uns negócios também, não tem esse negócio comigo não. [...] precisou pintar uma sala lá, 'quanto é?', 'não é nada, que isso?', 'pega dez contos', 'eu não quero nada', 'se me der o dinheiro, eu vou me aborrecer com a senhora!'. Tô esperando ali o cara pra me levar pra Oswaldo Cruz, que o cara sai de manhã, segurança ali da Petrobrás. 'Tu me leva na quinta pra fazer BO?'. Chega lá na quinta, tremenda palhaçada.

A: *O que? Pegou todo mundo, ou pegou só você?*

B: Todo mundo, os coisa.

A: *As pessoas que tavam ali?*

B: Meu sou... [fala números da carteira de identidade]. Sou sargento do exército aposentado, tive na P.E [pelotão do exército], e na P.Q.D. [pelotão de pára-quedistas], Cê quer fazer alguma coisa aí? Dei a numeração [diz os números]. Ele bateu, 'pôxa, caramba', 'sua mãe é Dona Campos Santos?', 'seu pai Francisco dos Santos?' Ele falou 'pô, vai embora, você atrapalhou, tá atrapalhando meu trabalho, vai, vai', 'tem dinheiro pra tomar café?', 'eu tô legal, eu quero ir embora', 'só isso'. E queriam botar de novo, pra botar lá pra cima, pra fazer o que? No albergue é que não tem lugar. Não adianta.

A: *Isso foi a guarda municipal?*

B: Guarda municipal, pegaram o documento da rapaziada aí, levaram documento, com tudo.

A: *Eles obrigam as pessoas irem para o abrigo...*

B: Nós não temos abrigo no Rio. O abrigo que nós tínhamos aqui morreu. Era a Fazenda Modelo<sup>15</sup> lá em cima. Quando tinha lá a Michelin<sup>16</sup> em Botafogo lá, a gente tava cansado de [ir] lá e voltar. Numa hora. Tipo, olhar nossa cara e 'vai embora, vai embora'. Ganhava o dinheiro da condução. Não tinha como. Pega a gente aqui meia noite. Chega lá pra esperar até seis horas da manhã, pra depois a gente vir de volta. Se tivesse um abrigo direitinho. A Fazenda Modelo funcionou uma época. Dominou uma época, tava bem, eles até arrumaram um pessoal que fazia faxina na Cinelândia e tudo.

A: *Era grande!*

B: Grande. É, macacão, tudo arrumadinho. Mas entrou Moreira<sup>17</sup>, esculhambou, né. Parou metrô, parou tudo. Parou as coisas do Brizola<sup>18</sup>. O Moreira, vê se ele aparece lá em Niterói, não pode nem pisar lá.

15 A Fazenda Modelo funcionou de 1947 a 2003, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, foi transformada em abrigo em 1984, chegando a ter 2.500 pessoas.

16 Loja de pneus.

17 Moreira Franco, governador do Rio de Janeiro entre 1987-1991.

18 Leonel Brizola, governador do estado entre 1983-87 e 1991-1994.

ESTRATÉGIAS DA VIRACÃO 3



*Instalação “O sonho de Darcy”, de Jum Nakao,  
nos pilotis do MAM*

A: *Eu sou de Niterói, foi banido. Acabou com a cidade.*

B: Niterói, eu morei um tempinho em Itaipu. Eu pesquei muito lá, Cambuci, com Lula, eu pesquei um tempinho lá com eles. Esse ano que eu dei uma paradinha, por causa desse negócio dos meus dentes, eu tenho até que segunda-feira, pegar um dinheiro, com um senhor que tem ali um negócio de bicicleta, aquele senhor que aluga bicicleta dia de domingo ali, ele arruma um dinheiro ali. Se o dinheiro for bom, pra pagar minhas contas tá bom, pra pagar as passagens do ônibus que agora não tem mais carona, tá difícil demais. Acabou que botaram a câmera, não tem como. Coitado do motorista, que mesmo que queira quebrar um galho, tem a câmera filmando, na recepção e na saída, não tem como, vai botar o cara na rua.

A: *Aí você vai tratar dos dentes?*

B: Lá é chegar, já tem minha ficha pronta, lá em Oswaldo Cruz, pra arrancar os dentes. Chegamos uma meia dúzia lá, chega lá, em Oswaldo Cruz, chegamos em Madureira, quatro horas da manhã. Ajeitei um angu lá pra eles, que tem uma tia que é muito amiga nossa. Primeira coisa que os caras fazem? Comprar uma garrafa de cachaça! Que cara que eu vou levar os cara lá tudo bêbado?

A: *Não dá [risos].*

B: Ah, não deu. Levei eles até lá. Foram passear em Madureira. Nós fomos passear em Madureira, depois fomos passear em Oswaldo Cruz, depois vamo embora. Como é que eu vou levar vocês com um bafo de cachaça no dentista!

A: *É, não dá, o dentista não vai aceitar não [risos].*

B: De manhã cedo, ô, brincadeira. Com bafo de cachaça, vou falar pra senhora. A boca aberta na cara da pessoa. Logo cedo.

A: *Meio brabo.*

[Risos]

B: Mas aí eu vou lá, lá é certinho, é só chegar, tirar o molde, pra esse dente quebrado aqui, pá. Faz uns dois meses que a dentadura, muita gente, lá é uma área muito pesada, Oswaldo Cruz, Madureira, Deodoro, tudo é lá.

A: *Concentra.*

B: Muita coisa moçada, muita coisa moçada. Fila daqui e lá ó. De graça. Eu consegui lá porque eu trabalhei num ferro velho lá e o cara do ferro velho é espírita. Aí ele conversando comigo me ajudou lá, mas eu também não abusei da chance não. Não vou mentir pra senhora, dormi lá na porta, botei o colchonete. Ah, vou furar a fila de ninguém. Pessoal tudo necessitado. E lá é mulher grávida, é cara com problema de coração, e ela telefona pra ambulância, internar o cara aqui, então o negócio é agitado.

A: *É mesmo? E atende legal assim?*

B: Atende legal, [diz o nome da deputada, mas inaudível], vou falar pra senhora, tô pra ver um atendimento igual aquele. E não tem negócio de espera um pouquinho, se você chegar com um remédio ela olha no remédio, pow pa pow [fazendo gestos como que discando os números em um telefone], esse mesmo? Mete a mão no telefone, telefona pra farmácia, que é do...

A: *Também consegue o remédio?*

B: Remédio também. Porque tem remédio aí, vou falar pra senhora, tem remédio aí que é difícil conseguir. Difícil não, muito caro, e ela tem um conhecimento com o pessoal da Marinha, a Marinha fabrica muito remédio bom, lá em Itaipu, na Colônia, a gente só usa remédio deles. Remédio pra pressão, remédio pra cachaceiro, remédio pra “bolsite”, pescador tem muita “bolsite”, remédio pra dor de cabeça, remédio pra senhora grávida, não é remédio muito assim, porque senhora grávida não pode usar muito remédio, pelo menos pra cólica, pra essas besteirinhas tem.

A: *Enjôo.*



B: Vou falar pra senhora a rua é tudo isso aí que todo mundo vê. E não vai melhorar não. Com essa pregada que tá indo aí, vou falar pra senhora, sabe por que não vai melhorar? Porque o Lula não deu jeito, quem que vai dar? Ninguém mais. Tem mais jeito não. Lula é um bom político, bom parceiro, inclusive tive a infelicidade de prender ele em setenta, quando eu era P.E [pelotão do Exército]. Obrigado a prender ele, lá em São José dos Campos, numa missão do Exército. O nosso amigo é um puta de um cara, se deixar ele falar é brabo. Sete um purinho. O Lula tem uma oratória pesada. Ele é um tipo de um cara que se ele tiver conversando algo com a senhora ele quer ver o por que do porquê, o por que do porque do porquê, do por que do porquê, ele quer ver, ele entra no detalhe, e tudo que ele sabe não é faculdade. A senhora sabe que ele não tem faculdade. Tudo que ele sabe é na prática. Aí que nego quebra com ele.

A: *Ele é muito inteligente.*

B: Ele é muito inteligente, chegou onde chegou. Ele só não chegou mais cedo onde ele tá porque ele não se uniu com Brizola. Se ele tivesse se unido com Brizola. Aquilo eu não esqueço nunca mais, eu trabalhava ali em 83, naquela levada do Brizola, eu trabalhava na [inaudível], eu sou pintor de prédios também, tava brabo e tal, aí arrumei uma companheira. Aí eu falei, eu moro na obra, mas a gente tem que arrumar um beco, vou ficar com você, vamo arrumar um beco aí, porque de repente, tua patroa manda você embora. Arrumamo um beco lá no Vidigal. Foi quando Brizola subiu lá em cima, aí eu vi a verdade, o cara é perigoso, não conhecia ele, mas ele de perto, os papos dele: ‘não quero que ninguém bote a mão em mim, pode deixar, minha segurança é o povo’. Pô, o cara falar isso, é confiar muito no taco. Nunca tinha ido lá, ‘não, pode deixar, minha segurança é a comunidade, é o povo, pode ficar tranqüilo, vai lá tomar um café’. Brizola é cabeça, muita, muita. Pra mim, pra mim, dos que eu conheci... Conheci Lauro Donatel [sic], o famigerado Jânio Quadros, meu pai trabalhou pra ele, Janio Quadros coitadinho, era maluco, conheci Maluf, outro sagaz também, esse é perigoso, esse é o seguinte.

A: *Raposa.*

B: Raposão, ele ganhou muito dinheiro com o BNH, todas aquelas portas, foi ele que botou<sup>19</sup>. Conheci o Farias Lima. O seu falecido Ademar de Barros. O Tancredo eu vi ele assim de longe. Por força do trabalho conheci Emilio Garrastazu Médici. Conheci Costa e Silva. Conheci também Humberto Souza e Mello, lá no segundo exército.

A: *Você ficou até quando, Barba, no Exército?*

B: Fiquei oito anos.

A: *É um tempo.*

B: Um tempinho. Caminhada boa.

A: *Aqui no Rio ou em...*

B: Lá em São Paulo, era nato de lá. Me apresentei lá. Tive que ir pra lá. Mas talvez eu não tivesse aprendido tudo que eu aprendi. Fui pra lá. Fui com um dinheirinho bom no bolso, dinheirinho bom, porque eu

19 Paulo Maluf, político e empresário paulista, dono da fábrica de laminados *Eucatex*.

não gastava, ia no São Carlos, ali perto, nas firmas que eu ia trabalhar tinha almoço e janta, e eu também nunca fui muito da gandaia. Eu ia lá no samba, tomava uma caipirinha, um negocinho, namorava um pouco, pronto. Aí caramba, ia lá pra São Cristovão, tinha lá umas barracas, a gente ajudava lá pra arrumar uns dinheirinho ainda por fora.

A: *Você sempre gostou de circular?*

B: Ah, o Rio pra quem gosta de, ah, nossa Senhora!...

A: Dos *bairros* você conhece...

B: É que a senhora não alcançou. Esse 474 aqui era de fichinha, pode perguntar pra quem é antigo, a senhora alcançou?

A: *Ah, acho que eu lembro disso.*

B: Cada bairro era uma ficha, aí eu ia trabalhar na rua da Lapa 120, era o escritório central da firma, aí como a fábrica, eu ia lá na fábrica, eu conversava com a Feroz. Feroz era a secretária. Botaram apelido, coitadinha, depois eu descobri que ela se chamava Teresinha, era Feroz pra cá, Feroz pra lá.

[Risos]

B: 'Pra onde Feroz?'. 'Vai para o cento e vinte'. Pegamos o 474 pra descer ali no..., minto, pegamos o 471..., 472, não, quando tava mais cedo, não tem a Francisco Sá? Quando eu tava com muita pressa eu pegava o 472 e descia ali no Passeio, do lado de cá. É aquele que vai pro Leme. Aí, a senhora via aqueles cara tocando bandolin de madrugada, tinha o angu do Gomes, quantas e quantas vezes eu não ia comer o angu do Gomes, eu andava dali.

B: São Cristovão<sup>20</sup>, [...], a pessoa botava a cadeira assim, do jeito que nós tamos aqui.

A: *E já tinha a feira?*

B: Tinha a feira de São Cristovão, o problema da feira ali era a violência. Antigamente era mais violento. Um dos fatores que jogou a feira lá pra dentro foi isso, tinha muito roubo, muita violência, era um tal de nego matar o outro com faca. Tinha a feira do roubo, você comprava o roubo aqui, lá na frente o cara segurava a senhora, nem polícia era, se dizia que era polícia. São Cristovão foi muito bom ali, a gente ia. O domingo o programa era o seguinte, ia pra Quinta da Boa Vista, jogava uma pelada, Mangueira contra Tuiuti, era dois times certos. E a gente era a turma do, chamavam a gente a turma do asfalto, 'ê do asfalto, como é que é, vai dar?', 'vai ter sim, quando for sexta-feira a gente combina', 'cê vai lá no samba do São Carlos?', 'eu vou', 'então eu vou mandar um cara lá pra conversar contigo'. Comprava duas caixas de cerveja, já deixava no esquema.

A: *Já preparado.*

B: Quando não, arrumava um mocotó, rachava aquele dinheiro. Jogava bola ninguém se machucava, quando o cara começava a dar o pé: 'Ô, ô, vai sentar pra acalmar lá, tomar uma geladinha, senta lá, cê tá machucando o cara, pra quê?'. Aí o que acontece, no sábado era isso, domingo a gente ia pro samba, dormia, chegava em casa, cinco, seis da manhã, quando era uma da tarde. Seu Antonio, dono da pensão falava: 'ih aí moçada?'... Seu Antonio era fanático: 'Agora acabou a

20 Antigo bairro imperial, situado na zona norte da cidade, próximo ao centro.



festa', ligava o rádio alto, pra escutar o jogo do Vasco dele e o comentarista... Aquele que tem o nome... [tenta lembrar o nome de um comentarista].

A: *Você é Vasco, Barba?*

B: Sou Botafogo. Tinha aquele cara comentarista: “Errou, errou!”. Tinha o Saldanha também e tinha uma moçada boa aí. Ficava de papo, tomava um banho. Tinha flamenguista, fluminense, botafoguense, tudo junto. Comia na barraca da Chiquita, quando a Chiquita era uma criancinha ainda, agora tá uma mulherona.

A: *Isso tudo lá em São Cristóvão?*

B: Atravessava a Quinta com um litrão de bebida, dois litrão de batida e ia embora. E comprava dois pão de mortadela por um real.

A: *Hoje em dia a mortadela tá mais cara...*

B: Era uma brincadeira, a gente brincava um com o outro. Não tinha cachorro-quente, nem existia isso. O cara botava um tabuleiro grande de pão com mortadela. Sabe aquele saquinho de padaria que bota pãozinho? Já vinha tudo embaladinho: 'Vai, dinheiro não posso pegar'. Ninguém fazia palhaçada, sabia que a madeira comia. Vou te falar uma coisa: era muito divertido. Ia e voltava, pedia pra ir pra geral, encarnava no outro. Arrumava um jeito de beber, para não beber na frente da PM.

A: *A PM era mais tranqüila que hoje, o que você acha?*

B: Não tem esses problemas que tem hoje.

A: *Hoje ficar na rua é mais difícil?*

B: Hoje ficar na rua não é ter medo de bandido, é ter medo do cara que tá drogado. A senhora entende que eu tô falando? [pausa]. O que acontece: eu cato minhas latinhas e esses playboy – só tem playboy! – falam um montão de besteira, eu só fico olhando, o cara falando pá-pá-pá. O cara é filho de... O que é que vou ganhar batendo num cara desses? Qual o resultado que vai dar? Tá arriscado eu ir pra DP: 'Nessa idade, batendo num moleque!', vai chamar atenção. A senhora sabe como é que é, o cara drogado fica possesso.

A: *Você tá vendo muita coisa de droga na rua agora?*

B: Mas só na Lapa<sup>21</sup>...

A: *É, na Lapa tá...*

B: Agora já refrescou.

A: *Acho que realmente o crack é uma droga pesada. (...).*

B: É o tal negócio: a senhora sai de casa com aquele dinheiro equilibrado, precisa tomar seu café, uma coca-cola, um mate, comprar uma bala, comer um doce. Às vezes tem o almoço na firma, a senhora tem um trocadinho pra rolar a semana, às vezes aqueles dois reais não

---

21 Bairro próximo ao centro da cidade, que possui uma variedade de programas noturnos, shows, bares. Desde a década de noventa as edificações mais antigas (em estado precário muitas vezes, mas, nem sempre) estão sendo compradas por empresários e comerciantes (a chamada gentrificação). Sobre a “morte” da Lapa ver SILVA (1986); para uma bela etnografia situada no bairro da Lapa ver SILVA (1993).

vai fazer falta mesmo, mas a pessoa quando pensa em dar o dinheiro, a primeira coisa que vem à cabeça é o crack. Não é isso que rola na cabeça? Duas coisas que vem à cabeça: se for adulto é cachaça [pausa]. Nota-se que a senhora tem bom coração.

A: *Às vezes eu dou também (...).*

B: O que mata também é o tinner, tinner de carro. Eu sou pintor de pistola, a gente tem que tomar cachaça com coca-cola gelada pra bater a química, o médico recomenda.

A: *A galera usa também?*

B: Dois dedinhos assim, um real. A senhora não viu na reportagem? Aqui, na Senador Vergueiro<sup>22</sup>: os caras ali naquele beco do Empório do Antonio, onde tem o Banco do Brasil. Dá só uma olhadinha pra senhora ver, dá só uma olhada no jornal, a cracolândia, o negócio do tinner. Acabou que eles pegaram o pessoal todo lá dentro.

A: *Você acha que isso é o mais perigoso na rua hoje?*

B: O mais perigoso. Tem a carga psicológica também. Tem elementos acostumados a viver em bons ambientes, que é completamente diferente, nada a ver com a sociedade. Eu já estou acostumado, a gente não liga. Tanto que estar aqui conversando com a senhora, como conversando com um drogado aqui, um safado ali. E a pessoa que não tem jogo de cintura? O cara chega: tem alguma coisa aí? Eu não falo nada, vou andando e pronto, o que ele falou fica pra ele mesmo. Mas o pior de tudo é a carga psicológica. Aí bate deprê na pessoa, pronto! A pessoa não toma banho, não toma café.

A: *Vai entrando.*

B: Vai entrando. Aí chega um cara e tem um crack: 'Aí, vai?' Tem uma maconha: 'Vai?' Teco, eles oferecem.

A: *Tem de tudo.*

B: Tem tudo, até uma cachaça. Ninguém fala: 'Olha, tem aqui dois reis, vamos lanchar?'.

A: *Ninguém fala isso?*

B: É raro.

A: *Só tem essa conversa de droga.*

B: Droga, droga.

A: *É o diabinho.*

B: Diabinho da cachaça. Outra coisa que dá muito é cachaça de macumba.

A: *O que o pessoal pega da macumba?*

B: Tem um cara aqui, o Sete Bois, daqui pra lá ele manda tudo aí, sabe certinho os sete dias da macumba.

A: *(...) um jardim lindo.*

B: Essas árvores todinhas são macumbas [um rapaz fala com Barba, ele conversa rápido: 'E aí? Passa aí na terça-feira, que eu peguei umas paradas de comida lá']. Esse aí brigou com a mãe, a mãe arrumou um marido, botou os filhos pra fora. Não cheira, não fuma, é direitinho. É raro isso acontecer. Quando eu tenho, eu dou pra ele também. Uma

22 Rua Senador Vergueiro é uma das principais vias do bairro do Flamengo, zona sul do Rio.

mosca branca, você só vê uma vez na vida e outra na morte. A depressão quando pega a pessoa joga no chão, não? Tem que ter um trabalho psicológico muito bem feito, né? Porque a rua, vou falar pra senhora: se vê cada abrobrinha.

A: *Você acha que tem mais gente na rua do que antes?*

B: Mais.

A: *Mais gente jovem, mais mulheres?*



B: Antigamente, quando eu vim pra rua, quando eu perdi meu emprego lá na Selva de Pedra<sup>23</sup>, aí vim pra rua, gostei. Aquela liberdade que a gente não tem. Um tempão no Exército, só preso. Parei em Botafogo, no [inaudível], parei ali numa moçada boa. Tinha seis quinzinhos, mas...

A: *Mais calmo?*

B: Comportadinho, né? Ninguém é perfeito também. Eu bebia mais pouquinho coisa que hoje, gostava de beber, comprava na hora do almoço, gostava de beber na hora da janta e aí passei a beber já no meio do caminho. É aquele negócio, tá na roda, tira-gosto. Era só o pessoal necessitado. Brigava lá com a mulher. Pra não brigar com a mulher, o pessoal dizia: fica aí, dá um tempo, quando melhorar você sobe, volta pra casa. O outro perdeu a mulher, este foi triste, ele mandou a mulher pra Minas, morreu a mulher e as três crianças num acidente. O cara despirocou da cabeça, não esqueço nunca mais, virou catador oficial de [inaudível], pra comer... Vou falar pra senhora.

A: *Ah, ele pega as comidas?*

B: Tanto que ele parou na roda do 474, ali na altura da sede do Flamengo. Ele pertinho de passar por baixo, foi atravessar pela pista. Foi tempo de pá. Aí então a gente ficava naquela boa ali, mas o que ocorre agora é que o problema já é outro, estamos em outra era: antes era uma brizolinha, uma maconhazinha, o crack nem existia, ópio só pra quem tem mesmo... Agora não, agora o negócio tá feio. Em primeiro lugar: estourou essa bomba de milícia; em segundo lugar, a PM não gostou, a PM está jogando mais pesado ainda. O que aconteceu: o inimigo que era um, é dois. Antes era só bandido. Não sei se a senhora conhece esses ambientes de morro, eu já vivi em cima sei como é que é. Seu Jorge ali, por exemplo, é o chefe da bagunça. Tá eu, a senhora, somos do bloco, na hora que seu Jorge sair, a gente vai

23 Condomínio com quarenta prédios no bairro do Leblon, zona sul, construído na década de 70, após um incêndio suspeito na então favela do Pinto.

ter que sair também. Eles não vão acreditar que eu vou ficar lá só olhando, não, vão pensar que eu tô tramando. O cara vai pra onde?, ele mora 15 anos no morro, vai pra onde, vai viver do quê? Vem pro asfalto? De repente eles descobrem que tem mais liberdade, que tem mais liberdade no asfalto do que morro. Lá não tem esse negócio de ficar mandando o outro tomar naquele lugar, se falar o cara mete bala mesmo, lá o negócio é sério. Esse negócio de brigar marido e mulher, o negócio resolve – 'por que tá brigando?'. Lei Maria da Penha lá é microondas. Se bater na mulher lá, o negócio fica feio. 'Por que você tá batendo nela?'. 'Não gostou, separa'.

A: *Todo mundo se mete, né?*

B: O cara não quer bagunça lá não.

A: *Não quer chamar atenção.*

B: Ele quer é se adiantar no negócio dele.

A: *Você acha então que muita gente tem saído pro asfalto pra poder..*

B: Aumentou muito. A senhora quer ver o quadro do pessoal de rua? A senhora vai segunda-feira ali no café. Não tem ali o Castelinho? Segunda-feira o café é ali, quinta-feira [na Glória]. Quando for no sábado e domingo, a senhora dá uma passadinha ali na Catedral, como quem vai rezar, pra senhora ver a fila.

A: *De manhã também?*

B: De manhã, na Catedral, tem o café da manhã. Ou, se não quiser ter todo esse trabalho, dá uma passadinha na Presidente Vargas de noite, Nossa Senhora! É muita coisa, muita coisa mesmo.



---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção* (tradução de Iraci D. Poleti). São Paulo: Boitempo. 2004.
- \_\_\_\_\_. *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I* (tradução de Henrique Burigo). Belo Horizonte: Editora UFMG. 2002.
- CAIAFA, Janice. *Movimento Punk na Cidade - A Invasão dos Bandos Sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 1989.
- CAPUCHO, Luís. *Cinema Orly*. Rio de Janeiro: Editora Interlúdio. 1999.
- FARIAS, Juliana. Da atualização dos mecanismos de controle: a transformação dos favelados em população 'matável' [on-line]. In: *OS URBANITAS - Revista de Antropologia Urbana* Ano 5, vol.5, n.7. Disponível em <http://www.aguaforte.com/osurbanitas7/JulianaFarias.html> (acesso em 20/06/2009). 2008.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade - A vontade de saber*. vol.1. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- KASPER, Christian. *Habitar a rua*. 2006. 226p. Tese de doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2006.
- OLIVEIRA, F. de. Política numa era de indeterminação: opacidade e reencantamento. In: OLIVEIRA, Francisco de. & RIZEK, Cibele. *A era da indeterminação*. São Paulo: Boitempo. 2007.
- SANTOS, Laymert Garcia dos. Brasil contemporâneo: estado de exceção? In: OLIVEIRA, Francisco & RIZEK, Cibele. In: *A era da indeterminação*. São Paulo: Boitempo. 2007.
- SILVA, Aguinaldo. *Memórias da Guerra*. Rio de Janeiro: Record. 1986.
- SILVA, Hélio. *Travesti, a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1993.
- TARGINO, Janine. *Lideranças pentecostais femininas: notas sobre a re-elaboração da identidade feminina no meio pentecostal*. 2009. Dissertação de mestrado – PPCIS. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2009.
- TELLES, Vera da Silva. Transitando na linha de sombra, tecendo as tramas da cidade (anotações inconclusas de uma pesquisa). In OLIVEIRA, Francisco de & RIZEK, Cibele. *A era da indeterminação*. São Paulo: Boitempo. 2007.

---

Data de Recebimento: 31/03/2010  
Data de Aprovação: 24/11/2010

**Para citar essa obra:**

FERNANDES, Adriana. Segregação e invenção na cidade: uma entrevista com Barba nos jardins do Museu de Arte Moderna - MAM/ RJ. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109.

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

**Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB**  
**Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI**  
**Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP**

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

**Endereço:**

Rua Caio Graco Prado, 70

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo

13083-892 – Campinas-SP – Brasil

**Telefone/Fax:** (+55 19) 3521-7900

**Contato:** <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>